

NOVEMBRO 2023

59ª EDIÇÃO

GAZETA DO POVO

REVISTA



FOTO: EFE/Juan Ignacio Benconeri

Milei impedirá Lula de impor agenda de esquerda à América do Sul

A Igreja Episcopal abraçou a agenda progressista. Os fiéis sumiram

Editorial: a responsabilidade moral pela destruição de uma vida

Índice

Editorial: A responsabilidade moral pela
destruição de uma vida **03**

Marcio Antonio Campos: Make Sunday Holy
Again **10**

Polzonoff: O que você sente ao ver esta foto de
Lula condecorando Alexandre de Moraes? **29**

Milei impedirá petista de impor agenda de
esquerda à América do Sul **36**

A Igreja Episcopal abraçou a agenda progressista.
Os fiéis sumiram **50**

Greta faz “reposicionamento de marca”: menos
“ecoapocalipse”, mais “consciência social” **66**

É o fim da Marvel? Fracasso de novo filme de
heroínas sugere que sim **83**



USUÁRIO DE ANDROID: PARA NAVEGAR UTILIZANDO OS
LINKS DE PÁGINA VOCÊ PRECISA DO APP [ACROBAT READER](#)



Cleriston Pereira da Cunha, 46 anos, réu do 8 de janeiro, teve um ataque cardíaco fulminante durante o banho de sol no presídio da Papuda nesta segunda-feira, dia 20. | Foto: reprodução/despacho Vara de Execuções Penais

EDITORIAL

A responsabilidade moral pela destruição de uma vida

Quando se fala da Justiça que “falha porque tarda”, normalmente a crítica é motivada pela prescrição de crimes que não foram julgados no

tempo devido. Mas a impunidade, ainda que detestável, é um preço menor que a sociedade paga em comparação com a perda de uma vida por omissão pura e simples do Poder Judiciário. É o que acaba de acontecer com o empresário Cleriston Pereira da Cunha, 46 anos, um dos réus do 8 de janeiro que aguardava julgamento preso na Papuda, em Brasília, e morreu na manhã de segunda-feira. Ele havia sido preso no Senado, e sempre negou ter cometido qualquer crime naquele domingo.

Cunha teve um ataque cardíaco durante o banho de sol e não conseguiu ser reanimado pelos agentes que o atenderam. E não se tratou de algo completamente imprevisível, que atingiu subitamente alguém que até então parecia gozar de boa saúde: o detento tinha um quadro bastante delicado, com diabetes e hipertensão;

já havia contraído Covid-19, que costuma agravar doenças já existentes; e ao menos uma vez precisou ser socorrido às pressas no meio da madrugada, segundo relato de um outro empresário que ocupou a cela adjacente à de Cunha. Mesmo assim, ele seguia preso, enquanto quase todos os demais presos do 8 de janeiro já tinham sido soltos, tendo a prisão substituída por outras medidas cautelares, como o uso de tornozeleira eletrônica. Por quê?



Não existe explicação aceitável para que Alexandre de Moraes tivesse prolongado a prisão preventiva de Cleriston Cunha, mantendo-o em condições que sabidamente agravariam seu quadro de saúde, como de fato agravaram, levando-o a falecer no presídio

O advogado de Cunha fez sua parte, pedindo oito vezes ao STF que o empresário pudesse aguardar o julgamento em liberdade. Mencionando o quadro médico do réu, Bruno Azevedo de Souza alegou ser “notório que a segregação prisional poderá ser sentença de morte ao referido”. Os médicos responsáveis por avaliar Cunha fizeram sua parte, afirmando em relatório que, “em função da gravidade do quadro clínico, risco de morte pela imunossupressão e infecções, solicitamos agilidade na resolução do processo legal do paciente”. O Ministério Público Federal fez sua parte quando, em 1.º de setembro, deu parecer favorável à libertação do empresário. “O Ministério Público Federal manifesta-se pelo deferimento do pedido de liberdade provisória a Cleriston Pereira da Cunha, cumulado com as medidas cautelares diversas da prisão”, escreveu o

subprocurador-geral Carlos Frederico Santos. Quem não fez sua parte foi Alexandre de Moraes, que ignorou o pedido por dois meses e meio, uma eternidade para alguém que está privado das condições ideais para tratar enfermidades crônicas.

Como já recordamos, a manutenção das prisões preventivas de centenas de presos do 8 de janeiro já era em si mesma um abuso, pois não estavam presentes as condições exigidas pela lei processual penal para que aquelas pessoas continuassem detidas na Papuda ou na Colmeia. Não havia provas a destruir; não havia risco de que os presos, uma vez libertados, tentassem cometer os crimes que lhes eram atribuídos; e havia outras formas de impedir que eles fugissem do país. Se isso valia para os presos em boas condições de saúde, quanto mais para

alguém como Cunha, até porque o próprio STF já decidira, em 2018, ao analisar o caso de um ex-deputado com câncer, que o tratamento de doença grave justificava a transferência para prisão domiciliar. Ou seja, não existe explicação aceitável para que Moraes tivesse prolongado a prisão preventiva do empresário, mantendo-o em condições que sabidamente agravariam seu quadro de saúde, como de fato agravaram, levando-o a falecer no presídio.

A morte de Cleriston Cunha pode, portanto, ser imputada ao Supremo Tribunal Federal e, mais especificamente, à omissão do ministro Alexandre de Moraes. Mesmo se não for possível falar em responsabilização jurídica, civil ou penal – por exemplo, com indenização a ser paga pelo Estado brasileiro –, a responsabilidade moral é evidente: alguém que exigia

cuidados especiais e cuja soltura era defendida pela própria acusação permaneceu preso porque um ministro do STF – essa corte tão rápida quando se trata de apontar o “estado de coisas inconstitucional” das prisões brasileiras e exigir planos do poder público, e tão enfática quando chamava de “tortura” as prisões da Lava Jato (essas, sim, justificadas) – não fez o que tinha de fazer. O justicamento em que se transformaram os processos do 8 de janeiro mudou de nível; agora, uma família estará perpetuamente enlutada para saciar a fome suprema por vidas destruídas em nome da “democracia”.



[Voltar ao índice](#)



Domingo é dia de ir à igreja e estar com a família; trabalho profissional, só em circunstâncias especiais, bem justificadas. | Foto: 12019/Pixabay

OPINIÃO

Marcio Antonio Campo

Make Sunday Holy Again

Muita gente boa está indignada com a nova portaria do governo Lula, assinada pelo ministro Luiz Marinho, que dificulta o trabalho de vários setores aos domingos e feriados,

revogando uma normativa anterior da época de Jair Bolsonaro. E há uma série de bons motivos para essa indignação: a nova portaria mais uma vez demonstra que Lula governa para os sindicatos, e não para o trabalhador; a regulamentação não chegou a ser discutida com as empresas do setor, e ainda por cima foi implantada com efeito imediato justamente na véspera de um feriado, bagunçando o planejamento de inúmeros estabelecimentos. Mas Lula e Marinho, apesar de todas as suas reais intenções (que eu de antemão pressuponho nunca serem as melhores), podem ter atirado no que viram e acertado no que não viram. Falo da banalização do domingo como um dia de trabalho igual a qualquer outro.

Acontece que, para os cristãos, o domingo não é um dia qualquer: é o dia dedicado a Deus e ao

culto divino, e mesmo sociedades já bastante secularizadas mantêm este traço herdado da cultura cristã, fazendo do domingo o dia por excelência do repouso semanal. É óbvio que não se trata de abster-se de toda e qualquer atividade, como fazem por exemplo alguns setores do judaísmo ortodoxo; o fato de o domingo ser o Dia do Senhor não exclui outros tipos de atividade – há muitos para quem o trabalho manual, por exemplo, acaba sendo um tipo de lazer. A Igreja, inclusive, reconhece que há profissões cuja natureza não permite uma interrupção total no domingo; pensemos, por exemplo, no setor de saúde, ou mesmo em outras atividades em circunstâncias específicas, como em regiões turísticas, onde a chance do ganha-pão do comércio e do setor de serviços está justamente nos fins de semana.

Na verdade, os critérios que a doutrina católica estabelece são bastante simples: o trabalho aos domingos não pode, de forma alguma, impedir a pessoa de participar do culto divino, e não deve ser imposto desnecessariamente. Mas mesmo essas diretrizes simples já estão sob ataque em nosso mundo secularizado. É ou não é verdade que muitos de nós fazemos questão do descanso aos domingos, mas esperamos que todos os demais estejam a postos para nos servir? E uso aqui o “nós” não como figura retórica, porque só Deus sabe quantas vezes já fui ao supermercado aos domingos para comprar coisas que poderiam esperar até segunda, só porque no domingo eu “tinha mais tempo livre”.

Os critérios que a doutrina católica estabelece são bastante simples: o trabalho aos domingos

não pode, de forma alguma, impedir a pessoa de participar do culto divino, e não deve ser imposto desnecessariamente

Trago aqui duas citações longas, mas muito esclarecedoras. A primeira é do Catecismo:

“2184. Tal como Deus ‘repousou no sétimo dia, depois de todo o trabalho que realizara’ (Gn 2, 2), assim a vida humana é ritmada pelo trabalho e pelo repouso. A instituição do Dia do Senhor contribui para que todos gozem do tempo de descanso e lazer suficiente, que lhes permita cultivar a vida familiar, cultural, social e religiosa.

2185. Aos domingos e outros dias festivos de preceito, os fiéis abstenham-se de trabalhos e negócios que impeçam o culto devido a Deus, a alegria própria do Dia do Senhor, a prática das obras de misericórdia ou

o devido repouso do espírito e do corpo. As necessidades familiares ou uma grande utilidade social constituem justificações legítimas em relação ao preceito do descanso dominical. Mas os fiéis estarão atentos a que legítimas desculpas não introduzam hábitos prejudiciais à religião, à vida de família e à saúde. ‘O amor da verdade procura o ócio santo: a necessidade do amor aceita o negócio justo’.

2186. Os cristãos que dispõem de tempos livres lembrem-se dos seus irmãos que têm as mesmas necessidades e os mesmos direitos, e não podem descansar por motivos de pobreza e de miséria. O domingo é tradicionalmente consagrado, pela piedade cristã, às boas obras e aos serviços humildes dos doentes, enfermos e pessoas de idade. Os cristãos também santificarão o domingo prestando à sua família e vizinhos tempo e cuidados difíceis de prestar nos outros dias da semana. O domingo é um tempo de reflexão, de silêncio, de cultura e de

meditação, que favorecem o crescimento da vida interior e cristã.

2187. Santificar os domingos e festas de guarda exige um esforço comum. Todo cristão deve evitar impor a outrem, sem necessidade, o que possa impedi-lo de guardar o Dia do Senhor. Quando os costumes (desporto, restaurantes etc.) e as obrigações sociais (serviços públicos etc.) reclamam de alguns um trabalho dominical, cada um fica com a responsabilidade de um tempo suficiente de descanso. Os fiéis estarão atentos, com moderação e caridade, para evitar os excessos e violências originados às vezes nas diversões de massa. Não obstante as pressões de ordem econômica, os poderes públicos preocupar-se-ão em assegurar aos cidadãos um tempo destinado ao repouso e ao culto divino. Os patrões têm obrigação análoga para com os seus empregados.

2188. No respeito pela liberdade religiosa e pelo bem comum de todos, os cristãos devem esforçar-se pelo reconhecimento dos domingos e dias santos da Igreja como dias feriados legais. Devem dar a todos o exemplo público de oração, respeito e alegria, e defender as suas tradições como uma contribuição preciosa para a vida espiritual da sociedade humana. Se a legislação do país ou outras razões obrigarem a trabalhar ao domingo, que este dia seja vivido, no entanto, como sendo o dia da nossa libertação, que nos faz participantes da ‘reunião festiva’, da ‘assembleia de primogênitos inscritos nos céus’ (Heb 12, 22-23).”

A segunda, da carta *Dies Domini*, de São João Paulo II, de 1998:

“65. (...) a ligação entre o dia do Senhor e o dia do descanso na sociedade civil tem uma importância e um significado que ultrapassam o horizonte

propriamente cristão. De facto, a alternância de trabalho e descanso, inscrita na natureza humana, foi querida pelo próprio Deus, como se deduz da perícopa da criação no livro do Gênesis (cf. 2,2-3; Ex 20,8-11): o repouso é coisa 'sagrada', constituindo a condição necessária para o homem se subtrair ao ciclo, por vezes excessivamente absorvente, dos afazeres terrenos e retomar consciência de que tudo é obra de Deus. O poder sobre a criação, que Deus concede ao homem, é tão prodigioso que este corre o risco de esquecer-se que Deus é o Criador, de quem tudo depende. Este reconhecimento é ainda mais urgente na nossa época, porque a ciência e a técnica aumentaram incrivelmente o poder que o homem exerce através do seu trabalho.

66. Por último, importa não perder de vista que o trabalho é, ainda no nosso tempo, uma dura escravidão para muitos, seja por causa das condições miseráveis em que é efetuado e dos horários

impostos, especialmente nas regiões mais pobres do mundo, seja por subsistirem, mesmo nas sociedades economicamente mais desenvolvidas, demasiados casos de injustiça e exploração do homem pelo homem. Quando a Igreja, ao longo dos séculos, legislou sobre o descanso dominical, teve em consideração sobretudo o trabalho dos criados e dos operários, certamente não porque este fosse um trabalho menos digno relativamente às exigências espirituais da prática dominical, mas sobretudo porque mais carente duma regulamentação que aliviasse o seu peso e permitisse a todos santificarem o dia do Senhor. Nesta linha, o meu venerado predecessor Leão XIII, na encíclica Rerum novarum, apontava o descanso festivo como um direito do trabalhador, que o Estado deve garantir.

E, no contexto histórico atual, permanece a obrigação de batalhar para que todos possam conhecer a liberdade, o descanso e o relaxe necessários à sua

dignidade de homens, com as conexas exigências religiosas, familiares, culturais, interpessoais, que dificilmente podem ser satisfeitas se não ficar salvaguardado pelo menos um dia semanal para gozarem juntos da possibilidade de repousar e fazer festa. Obviamente, este direito do trabalhador ao descanso pressupõe o seu direito ao trabalho, pelo que, ao refletirmos sobre esta problemática ligada à concepção cristã do domingo, não podemos deixar de recordar, com sentida solidariedade, a situação penosa de tantos homens e mulheres que, por falta dum emprego, se veem constrangidos à inatividade mesmo nos dias laborativos.

67. Graças ao descanso dominical, as preocupações e afazeres quotidianos podem reencontrar a sua justa dimensão: as coisas materiais, pelas quais nos afadigamos, dão lugar aos valores do espírito; as pessoas com quem vivemos recuperam, no encontro e diálogo mais tranquilo, a sua verdadeira fisionomia.

As próprias belezas da natureza – frequentemente malbaratadas por uma lógica de domínio, que se volta contra o homem – podem ser profundamente descobertas e apreciadas. Assim o domingo, dia de paz do homem com Deus, consigo mesmo e com os seus semelhantes, torna-se também ocasião em que o homem é convidado a lançar um olhar regenerado sobre as maravilhas da natureza, deixando-se envolver por aquela estupenda e misteriosa harmonia que, como diz S. Ambrósio, por uma ‘lei inviolável de concórdia e de amor’, une os diversos elementos do universo num ‘vínculo de união e de paz’. Então, o homem torna-se mais consciente, segundo as palavras do Apóstolo, de que ‘tudo o que Deus criou é bom, e não é para desprezar, contanto que se tome em ação de graças, pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração’ (1 Tim 4,4-5). Portanto, se depois de seis dias de trabalho – para muitos, na verdade, reduzidos já a cinco – o homem procura um tempo para relaxe e para cuidar melhor

dos outros aspectos da própria vida, isso corresponde a uma real necessidade, em plena harmonia com a perspectiva da mensagem evangélica.

Consequentemente, o crente é chamado a satisfazer esta exigência, harmonizando-a com as expressões da sua fé pessoal e comunitária, manifestada na celebração e santificação do dia do Senhor.

Por isso, é natural que os cristãos se esforcem para que, também nas circunstâncias específicas do nosso tempo, a legislação civil tenha em conta o seu dever de santificar o domingo. Em todo o caso, têm a obrigação de consciência de organizar o descanso dominical de forma que lhes seja possível participar na Eucaristia, abstendo-se dos trabalhos e negócios incompatíveis com a santificação do dia do Senhor, com a sua alegria própria e com o necessário repouso do espírito e do corpo.”

Reparem em um detalhe do ponto 66, quando o papa fala de “gozarem juntos da possibilidade de repousar e fazer festa” (e o destaque é do próprio papa). Mesmo quando estamos falando de não cristãos, ou de cristãos que não se preocupam em ir à igreja ou realizar algum tipo de atividade espiritual, o domingo é importante como o dia comum do descanso e de estar juntos. O que seria de uma família em que pai e mãe tivessem sempre dias de folga diferentes, sem a possibilidade de poderem aproveitar juntos o descanso semanal? Esta seria a consequência natural da transformação do domingo em um dia de trabalho como qualquer outro.

E é nisso que precisam pensar os parlamentares de direita, incluindo muitos cristãos, que estão se articulando para derrubar a portaria do Ministério do Trabalho e retomar a regra

antiga, que exigia apenas o entendimento entre patrões e empregados para permitir o trabalho aos domingos. A normativa lulista é ruim, mas a anterior também permite uma série de abusos que, em nome da liberdade econômica, banalizam o domingo e tiram dele seu caráter especial dentre os dias da semana. Nosso Deus não é o livre mercado.

Eleição argentina não é referendo sobre Francisco

Felizmente o meu amigo Polzonoff não é bom de previsão e Javier Milei será o novo presidente da Argentina. Como o libertário já andou falando poucas e boas do papa Francisco, alguns analistas do lado religioso fizeram questão de lembrar disso. No Crux, a manchete enquanto escrevo é o texto de Eduardo Campos Lima

dizendo que o resultado, “em certo sentido, equivale a um referendo sobre a agenda política e social do papa Francisco em seu país natal”. O blog tradicionalista Rorate Coeli vai ainda mais longe na relação de causa e efeito. “Milei disse que o papa Francisco ‘tem uma afinidade por comunistas assassinos’ e o acusou de violar os Dez Mandamentos. Alguns no Ocidente imaginaram que esses comentários prejudicariam Milei na Argentina, terra de Francisco. Em vez disso, a crítica agressiva de Milei ao papa Francisco o levou a uma vitória surpreendente”.

Milei xingou o papa Francisco? Com certeza, e as bobagens que disse vão muito além do que seria uma crítica filial a atitudes do papa. Mas, num país com quase 150% de inflação anual e 40% da população na pobreza, achar que o eleitor de Milei está sendo guiado pela opinião

do candidato sobre o papa me parece um tremendo exagero, e ainda mais exagerado é dizer que a retórica anti-Francisco de Milei o levou à vitória é ainda mais delirante. Foi uma eleição decidida em cima da economia, não do que se disse ou deixou de dizer sobre Francisco.

A matéria do Crux, no entanto, me chamou a atenção menos por essa tentativa de exagerar o “fator Francisco” que pela reação dos curas villeros à vitória de Milei. Alguns ali estão se portando como verdadeiros “coroinhas de Perón”, como aqui temos os “coroinhas de Lula”: até comparações com a ditadura militar argentina – muito mais cruel que a brasileira, aliás – já surgiram. Mas absurdo mesmo foi o que um desses padres, Francisco Olivera, afirmou poucas horas depois do anúncio do resultado eleitoral: “Vou dizer algo às pessoas

que servimos. Aos que votaram em Milei, por favor sejam coerentes e não venham mais ao refeitório. Não haverá comida para todos”.

Este sacerdote não é nada diferente do boçal brasileiro que promete não dar esmola ou emprego a quem tenha votado no Lula. O que ele está dizendo, no fim das contas, é que pobre bom é o pobre que vota na esquerda, que seu amor ao Cristo presente no mais necessitado está sujeito a certas condições. O que todos esses esquecem é que, domingo que vem, iremos ouvir o fim do capítulo 25 do Evangelho de São Mateus, em que Cristo fala do Juízo Final e da separação entre bons e maus, colocando entre os bons também aqueles que praticaram as boas obras incondicionalmente, sem saber que o faziam a Jesus. Ele diz apenas “tive fome e me destes de comer”, não “tive fome e, como

votei em Fulano, me destes de comer”. E, aos condenados, dirá simplesmente que “tive fome e não me destes de comer (...) Todas as vezes que não fizestes isso a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizestes”. A preferência política do pobre não servirá de desculpa para ninguém ter deixado de fazer o que deve ser feito, mas muita gente só vai perceber isso quando for tarde demais.



Autor: Marcio Antonio Campos é editor de Opinião da Gazeta do Povo. Coautor de "Bíblia e natureza: os dois livros de Deus – reflexões sobre ciência e fé", mantém a coluna quinzenal Tubo de Ensaio e uma coluna semanal sobre temas relacionados à Igreja Católica. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião

da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



Olhe mais um pouco para a foto. Repare nos detalhes. Não, não vale desviar o olhar. Pense daí que eu penso daqui. | Foto: Ricardo Stuckert/PR

OPINIÃO

Polzonoff

O que você sente ao ver esta foto de Lula condecorando Alexandre de Moraes?

A foto que ilustra e é tema deste texto mostra Lula condecorando Alexandre de Moraes com a Ordem do Rio Branco. O registro, feito pelo fotógrafo oficial do

regime, Ricardo Stuckert, mostra um Lula concentrado na difícil tarefa de prender a faixa do ministro. E o ministro olhando fixamente para o egresso do sistema que nos governa. Mais do que admiração, diria que há amor (uma versão perversa de amor) no olhar. Há também certa arrogância, como se Alexandre de Moraes soubesse quem é que, de fato, manda no Brasil: ele mesmo.

(E não vou nem falar de Silvio Almeida, que teve sua existência apagada por Lula na foto. Racismo estrutural, sabe como é. Imagina se fosse o...).

Mas a foto não é só luz, cor e a textura da barba cuidadosamente mal-cuidada de Lula e da calva brilhosa e manchada (tem que ver isso aí, hein?) de Alexandre de Moraes. A foto tem contexto: ela imortalizou a relação, pra lá de harmônica entre o Poder Judiciário e o Executivo no mesmo dia em que a família de Cleriston Pereira da Cunha velou o corpo do comerciante. De uma vítima do justicamento “democrático” do STF.

De um homem comum esmagado pelo sapato de bico fino do Estado. Como se fosse uma barata golpista, um rato antidemocrático, um nada.

Esse, porém, é apenas o contexto imediato. Porque se eu for falar do contexto amplo, da relação de ódio que esses dois personagens cultivaram com a população brasileira e de como eles estão conseguindo destruir uma sensação de Brasil... E é aqui que entra o título deste texto, no qual pergunto o que você sente ao ver esses dois personagens assim no mesmo enquadramento, no mesmo close, os dois tão perto que é impossível não imaginar que estejam sentindo o bafo um do outro.

Olhe mais um pouco para a foto. Repare nos detalhes. Não, não vale desviar o olhar. Isso, concentração. Reflita bastante. Pense daí que eu penso daqui e volto depois do intertítulo.

Pronto? Pensou?

Se tudo correu como imaginei, você pensou e pensou e não conseguiu frear seus impulsos. Não conseguiu calar o sentimento. Não o culpo. Sendo a política o que é, a manutenção do poder por meio da manipulação da esperança, não é de se surpreender (nem de se repreender) que tenhamos reações emocionais ao vermos a imagem da felicidade, da realização, do sucesso, do ápice de dois sujeitos que representam valores opostos aos nossos. Comigo aconteceu a mesmíssima coisa. Ao ver a foto, tentei invocar todos aqueles conceitos racionais e abstratos que aprendi com os grandes teóricos. Democracia e liberdade e representatividade e constitucionalismo e tal. Não adiantou nada. Minha revolta só foi um pouco aplacada quando pensei no livre-arbítrio. Aí, por um instante, um átimo, consegui entender, compreender aquele momento sob um prisma outro que não o da indecência pura e simples.

Mas, como disse, foi tudo muito rápido. Vapt, vupt. O que é uma infelicidade, porque de repente me vi fazendo malabarismo com vários porquês. Por que vivemos neste país e justamente nesta época em que prevalece a maldade exibida, maldade vaidosa, maldade condecorada? Por que pessoas como Lula e Alexandre de Moraes alcançam o poder? Aliás, por que eles têm tanto poder? Por que alguém, tendo tanto poder assim, opta sempre pelo erro? E por aí vai. Os porquês se acumulavam e beiravam a blasfêmia quando me lembrei de algo que Jordan Peterson escreveu em seu “12 Regras” e que, por algum motivo, não é muito comentado: somos nós que damos poder aos nossos inimigos. Tá, “inimigos” talvez seja uma palavra pesada demais. Que tal “adversários”? Pois somos nós que permitimos que nossos adversários nos tirem o sono. Que fomentem essa ira que descamba na revolta contra tudo isso o que está aí. Uma revolta que, no fundo, ou nem tão no fundo assim, é contra a vontade divina que não reconhecemos nem aceitamos.

Dostoiévski

Deixei a foto de lado, me amaldiçoei por ter me detido sobre ela por tanto tempo e tentei me concentrar no que há de bom e belo por aí. No milagre cotidiano de que tanto falo, mas que na prática insisto em ignorar. Tente. É incrível como a raiva passa e a vida adquire um sabor diferente. Senão doce, menos amargo. Um sorriso, uma lufada de vento neste calor, um aperto de mãos, um telefonema da minha mulher, uma fatia de Marta Rocha (coisa de gordo, eu sei), a lembrança de um dia qualquer que se julgava perdido no baú das memórias esquecíveis. Deu certo. Joguei a foto e a raiva na sarjeta das atribulações diárias e fui dormir embalado pela sabedoria do Dostoiévski velho de guerra. Que nos ensina que essa gente, Alexandre de Moraes e Lula e Janja e Silvio Almeida e Anielle Franco, por mais comendas que recebam, por mais altos que sejam seus salários, por mais poder que tenham e por mais iniquidades que disseminem, são incapazes de uma coisa: calar a própria consciência.

A não ser que sejam psicopatas, você diz. Sinceramente, não acredito nisso. Até porque atribuir a Alexandre de Moraes e a Lula um transtorno psiquiátrico equivale a lhes tirar a responsabilidade por seus erros. Mas eu estava fazendo referência a Dostoiévski e dizendo sobre sermos todos incapazes de calar nossa consciência e continuo: eles sabem o que são. Sabem o que fizeram. Sabem por que fizeram. Sabem por que continuarão fazendo. E disso, da sombra da culpa, eles jamais poderão se livrar. Não deixa de ser um consolo.



Autor: Paulo Polzonoff Jr. é jornalista, tradutor e escritor. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



O presidente eleito da Argentina, Javier Milei, deve frustrar os planos de Lula de impor uma agenda esquerdista na América do Sul| Foto: EFE

DIPLOMACIA

Milei terá relação fria com Lula e impedirá petista de impor agenda de esquerda à América do Sul

Por Carinne Souza, John Lucas e Sílvio Ribas

A relação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com a Argentina deve ser mais fria do que

nunca após a vitória do libertário Javier Milei. Após o governo do esquerdista Alberto Fernández, que deixou o país com 142% de inflação em 12 meses, reservas escassas e em um cenário de caos social, o país elegeu um candidato libertário e que promete romper com o passado da esquerda argentina. Com a vitória de Milei, Lula deve ver naufragar seu plano de impor à América Latina pautas ideológicas de esquerda, como o apoio ao ditador da Venezuela Nicolás Maduro, o fortalecimento da Unasul (União das Nações Sul-Americanas) e a entrada da Argentina no bloco dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

Com Milei na Argentina, a América do Sul passa a ter quatro presidentes de direita, no Uruguai, no Paraguai e no Equador e nove de esquerda: no Brasil, na Bolívia, no Chile, no Peru, na

Colômbia, na Venezuela, na Guiana, Suriname e na Guiana Francesa, que é subordinada à França por ser um departamento ultramarino.

Para especialistas, a relação entre os presidentes do Brasil e da Argentina deverá ser fria, assim como foi a relação entre Jair Bolsonaro e Alberto Fernández. "Certamente que se tivesse havido a vitória de Sergio Massa, a relação entre presidentes seria melhor, porque eles são mais alinhados em termos ideológicos. Mas isso não significa que o desalinhamento ideológico vai impactar, necessariamente, de forma negativa nas relações entre os países. O que prevalece nas relações entre os países e os Estados, é o pragmatismo", pontua o professor de Relações Internacionais do Ibmec Brasília, Ricardo Caichiolo.

O Palácio do Planalto e o Itamaraty preveem o mesmo cenário. Após o resultado da votação, o mandatário brasileiro não fez a típica ligação para parabenizar Milei pela vitória na Argentina e publicou uma tímida postagem em sua conta no X (antigo Twitter), sem mencionar Milei, desejando "boa sorte e êxito ao novo governo".

Bolsonaro publicou no X que o presidente eleito na Argentina telefonou para ele e o convidou para assistir à sua posse em dezembro. Lula, apurou a Gazeta do Povo com membros no Itamaraty, não espera pelo mesmo convite. A troca de visitas que existiu entre os dois países neste ano, inclusive, não será mais a mesma. Enquanto Fernández veio quatro vezes ao Brasil nos últimos 11 meses, Lula foi duas vezes à Argentina. Esse trânsito deve ser interrompido durante o mandato de Milei.

Em entrevista ao jornal O Globo, o assessor de assuntos especiais de Lula, Celso Amorim, revelou que o petista não irá à posse de Milei, marcada para o próximo dia 10 de dezembro. O Brasil, contudo, será representado por membros do governo, que serão escalados a depender do "tom" que Milei adotar com Lula nos próximos dias. O ex-presidente Bolsonaro deve ir com uma comitiva formada por cerca de dez pessoas.

Ruptura na relação econômica com o Brasil continua incerta

Alinhado com as ideias libertárias na área de economia, as propostas de campanha de Milei afrontam diretamente a esquerda, pois contrariam tudo o que os esquerdistas defendem ao promover ações que beneficiam o livre

mercado, diminuição do tamanho e do peso do Estado, redução drástica de impostos, abrandamento das regulamentações para patamares mínimos e privatização do ensino e da saúde. Especialistas avaliam, contudo, que o pragmatismo deve ser mantido por ora na economia, para evitar danos imediatos com eventuais rupturas.

“A vitória de Milei na Argentina introduz incertezas, mas também oportunidades na relação com o Brasil, sobretudo no contexto do Mercosul e das relações comerciais bilaterais. A chave será a capacidade de adaptação e negociação para garantir o fortalecimento das relações econômicas e comerciais entre os dois países”, observou Eduardo Galvão, professor de relações governamentais do Ibmec-DF.

A Argentina é considerada a maior parceira comercial do Brasil na América do Sul. Assim, as duas nações têm uma codependência econômica. Para o doutor em ciências sociais e pesquisador da Fundação Araporã, Rogério Pereira de Campos, não seria benéfico para a Argentina o rompimento total das relações com o Brasil, um dos seus principais parceiros econômicos.

"A Argentina vive um momento complicado e não é o momento para bater o pé em algumas decisões, principalmente com o Brasil, que é seu principal parceiro econômico. Mudar drasticamente, como se propôs durante a eleição e rever algumas posições econômicas é muito complicado. Acredito que em um primeiro momento pouco deve mudar", avalia.

Segundo Campos, só vai ser possível ter noção de que rumo a relação com o Brasil vai tomar após as tomadas de decisões políticas feitas por Milei. Ele não deve descortinar toda a sua política antes de tomar posse para evitar ataques especulativos contra a moeda argentina. "O discurso eleitoral é muito diferente do que é feito na prática. Além disso, ele não tem maioria no Congresso argentino e, por isso, é preciso aguardar seus próximos passos e ver como ele vai costurar sua base governista", pontua o pesquisador.

Esquerda enfraquece na América do Sul com Milei

Por outro lado, Lula pode perder espaço na América do Sul. Desde que assumiu para este terceiro mandato, o petista tem tentado a

assumir a posição de líder sul-americano. Em maio deste ano, Lula reuniu todos os presidentes da América do Sul em Brasília com o intuito de tentar reativar a União das Nações Sul-Americanas, a Unasul, um bloco de esquerda desde sua concepção em 2008. A tentativa do brasileiro, contudo, foi frustrada por outros presidentes.

Luis Lacalle Pou, do Uruguai, se opôs ao bloco devido ao seu viés ideológico e criticou sua possível reativação. A presença do ditador venezuelano no evento, Nicolás Maduro, também não foi uma boa propaganda para Lula. Na cúpula, o petista alegou que o que acontece em termos de abusos de direitos humanos e crimes políticos na Venezuela não passa de uma "narrativa". Nem mesmo líderes de esquerda pouparam críticas ao mandatário brasileiro.

Com a eleição de Milei, quatro países sul-americanos passam a ser presididos por líderes de direita – três deles integrantes do Mercado Comum do Sul (Mercosul). Sendo o único presidente de esquerda no bloco, Lula deve encontrar resistência para pautar temas com teor ideológico, como o seu interesse em reintegrar a Venezuela à organização.

A aproximação de Lula de ditaduras já causou atritos entre Lula e Pou. Durante cerimônia em que o mandatário brasileiro assumiu a presidência do Mercosul, o uruguaio se recusou a assinar a declaração conjunta e ameaçou deixar o bloco para fechar um acordo bilateral com a China – que, caso seja concretizado, pode colocar um fim no acordo de livre comércio Mercosul-União Europeia.

Durante sua campanha, Milei se opôs ao bloco, mas moderou o discurso após ter sido eleito. Em entrevista à CNN Brasil, o embaixador do Brasil na Argentina, Julio Bitelli, disse "não há risco eminente" ao bloco. "Em declarações mais recentes, tanto ele quanto seu círculo mais próximo têm falado em modernizar o Mercosul e alterar sua forma de funcionamento, mas a partir de dentro do bloco", disse o embaixador.

Para os especialistas ouvidos pela Gazeta do Povo, seria prejudicial para a Argentina deixar o bloco. Apesar da mudança de discurso, Rogério Pereira acredita que deve haver resistência em discussões no Mercosul. "É lógico que alinhamentos políticos semelhantes facilitam a comunicação, mas não quer dizer que posicionamentos diferentes impeçam a existência do bloco. Talvez criem um pouco mais de

resistência e maior necessidade de alinhar pontos", pontua.

"O problema dessas tratativas é que elas envolvem muitos fatores, não é só o lado econômico ou político, existem parcerias, existem acordos comerciais bilaterais entre os países... e tudo isso interfere nessas negociações. Um país está sempre buscando o melhor para ele, e o melhor para ele não necessariamente é o melhor para o outro país", avalia o pesquisador da Fundação Araporã.

Na presidência do bloco, Lula tem corrido para fechar o acordo com a União Europeia antes que perca o apoio do países sul-americanos, principalmente do Uruguai, que tem ameaçado deixar o bloco. O receio do Itamaraty é que Milei encontre respaldo nas contestações de Pou e,

juntos, desmembrem o Mercosul. Para Eduardo Galvão, contudo, a presença do libertário no grupo pode dar fôlego às negociações, já que sua ratificação seria benéfica para a produção agrícola argentina. “O Brasil pode trabalhar para manter o ritmo das negociações e buscar acordos que beneficiem ambas as partes”, aposta o diretor da BCW Brasil.

Milei deve rejeitar convite de Lula para integrar os Brics

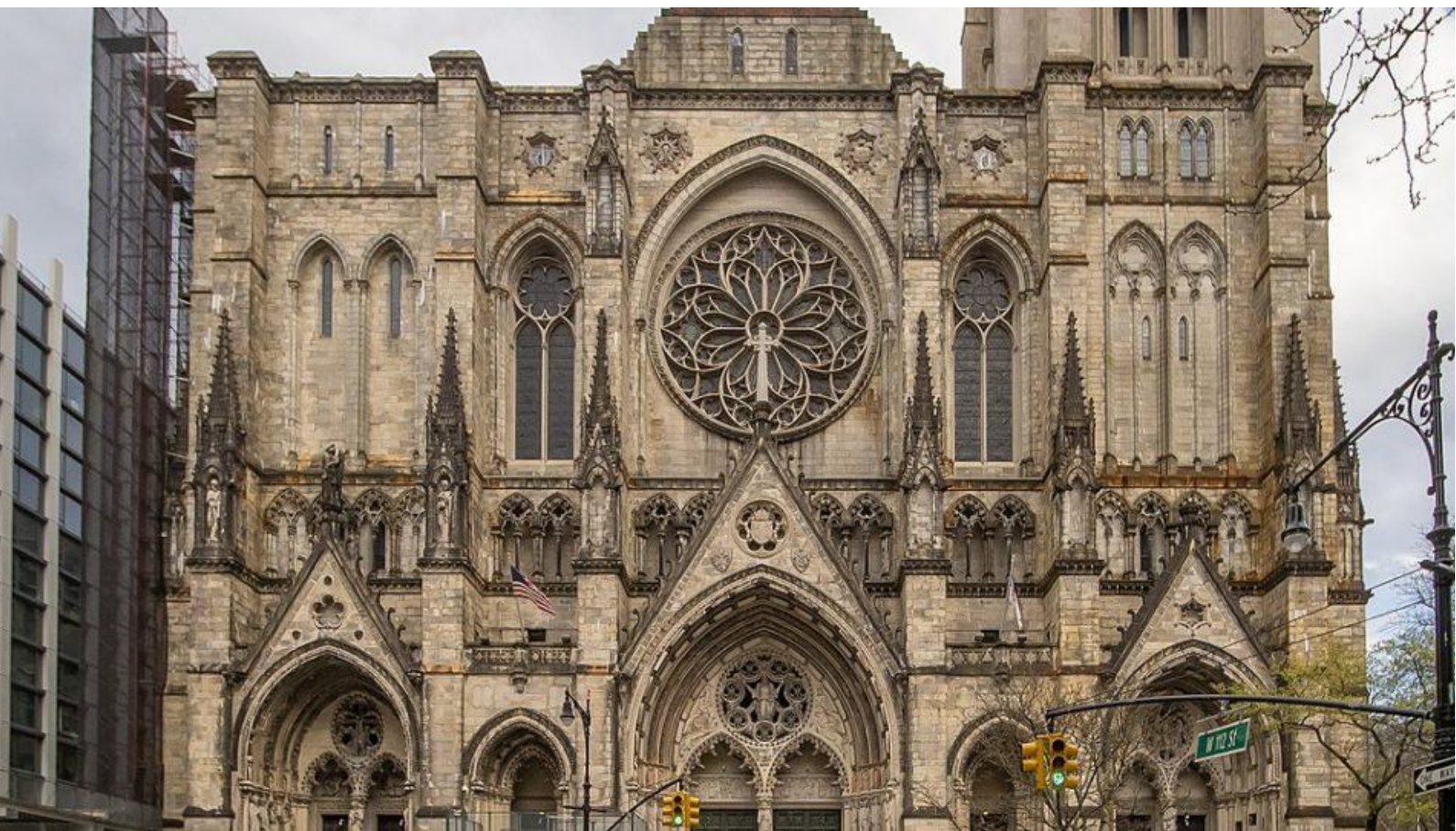
Outra questão ainda incerta é a posição de Milei quanto aos Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Em agosto, o bloco anunciou, após forte pressão da China e da Rússia, a sua expansão e convidou seis países para integrá-lo a partir do próximo ano. Com mais de 40 nações interessadas em ingressar o

grupo, apenas seis foram convidadas pelos membros-fundadores.

A Argentina foi o nome indicado por Lula, ainda em uma de suas diversas tentativas do brasileiro em apoiar o então presidente do país e seu amigo, Alberto Fernández. À época, o peronista via sua popularidade despencar enquanto o país afundava em uma grave crise econômica. Com a derrota de Sergio Massa – ministro da Economia de Fernández e o candidato escolhido pelo peronismo – o convite para ingressar no Brics pode ser rejeitado por Milei.



[Voltar ao índice](#)



Catedral Episcopal de São João, o Divino, em Nova York: obra inacabada | Foto: Ajay Suresh/Wikimedia

RELIGIÃO

A Igreja Episcopal abraçou a agenda progressista. Os fiéis sumiram

Por Gabriel de Arruda Castro

O sexto maior templo cristão do mundo está em Nova York. A Catedral Episcopal de São João, o Divino, no bairro de Morningside Heights, tem

11.200 metros quadrados de área interna. É uma mistura impressionante dos estilos romanesco, bizantino e gótico, a dois quarteirões da Universidade de Columbia e a um do Tom's Diner — o restaurante cuja fachada se tornou famosa por causa do seriado Seinfeld.

A igreja é um marco de Nova York: já recebeu uma visita do Dalai Lama, um sermão de Martin Luther King e um concerto de Leonard Bernstein.

Mas, do lado de fora, é possível notar que a obra não está pronta. Das duas torres frontais, uma está inacabada e a outra não começou a ser erguida. Outras partes do projeto original, inclusive uma torre central de 140 metros de altura, tampouco saíram do papel.

E nem vão sair tão cedo. Não há obras em andamento.

“Atualmente, os recursos são direcionados para priorizar o serviço à comunidade por meio da nossa programação e de nossas iniciativas sociais, além da manutenção da integridade arquitetônica da Catedral”, explica a igreja em sua página na internet. “A igreja de São João, o Divino, vai continuar sendo construída por muitos séculos”, diz o texto.

Mas a Igreja Episcopal talvez não sobreviva até lá. Um novo relatório divulgado no fim de setembro é o mais recente indicativo da decadência da denominação.

Mais enterros que batismos

O balanço de 2022 mostra que, mesmo depois que os templos voltaram a funcionar normalmente após a fase mais aguda da pandemia, os números continuam ruins.

A cada domingo, cerca de 370 mil fiéis comparecem aos templos episcopais nos Estados Unidos. Em 2013, este número estava acima dos 650 mil. A queda foi de 43% em nove anos. Antes da pandemia, em 2019, a frequência ainda estava perto dos 550 mil. A Covid-19 acelerou o declínio.

No ano passado, a igreja batizou 15,3 mil crianças e realizou 25,9 mil enterros. O número de batismos infantis caiu praticamente pela metade entre 2013 e 2022. O total de membros

recuou 21% em uma década. Metade dos fiéis ativos tem mais de 65 anos. Na maioria das igrejas, há menos de 50 fiéis por missa.

É uma queda vertiginosa para uma denominação que, se nunca foi a maior dos Estados Unidos, é a que mais perto chegou de ser a igreja nacional.

“Eu não acredito que a Igreja Episcopal vai desaparecer nos Estados Unidos. Eu acredito que ela vai contrair e deixar de ser uma igreja de alcance nacional”, explica à Gazeta do Povo Jeff Walton. Ele é diretor do Programa Anglicano do IRD (Instituto de Religião e Democracia), uma organização com sede em Washington.

Walton estima que 55% das paróquias anglicanas estejam numa situação de declínio

agudo: “Nós próximos 20 anos, um número elevado de paróquias vai provavelmente fechar ou se fundir”, diz. Walton acrescenta que aproximadamente 12% das congregações episcopais têm apresentado uma trajetória de crescimento. As outras vão ter de batalhar para sobreviver.

Origem anglicana

A Igreja Episcopal tem raiz na Igreja Anglicana. As duas se separaram com a Independência dos Estados Unidos, em 1776. E, embora os episcopais tenham sido readmitidos na comunhão chefiada pelo Arcebispo de Cantuária no século seguinte, mantiveram o seu nome próprio. Historicamente, ser episcopal significa ser um anglicano nos Estados Unidos.

“Todo episcopal é anglicano, mas nem todo anglicano é episcopal”, resume Jeff Walton. Ele explica que os episcopais sempre exerceram uma influência desproporcionalmente grande na vida pública dos Estados Unidos. “A Igreja Episcopal nunca teve uma grande parcela da população americana. Mas, funcionalmente, a Igreja Episcopal tem aspectos de uma religião civil. Se há um funeral de uma autoridade nacional, por exemplo, é comum que ele aconteça na Catedral Nacional”, diz ele.

O último desses funerais, o do ex-presidente George H. Bush, aconteceu em 2018. Assim como Ronald Reagan, Gerald Ford e Dwight Eisenhower, Bush foi velado na majestosa Catedral Nacional de Washington — que pertence à Igreja Episcopal e é o segundo maior templo cristão dos Estados Unidos.

As posses presidenciais de Barack Obama, Donald Trump e Joe Biden também foram marcadas por celebrações na Catedral Nacional.

Aliás, nenhuma outra denominação religiosa teve tantos presidentes: 11. O primeiro deles, George Washington, foi quem teve a ideia de construir uma catedral nacional na futura capital americana.

Guinada liberal explica declínio

É difícil saber se o progressismo da Igreja Episcopal é causa ou consequência das mudanças sociais que atingiram os centros urbanos da Costa Leste dos Estados Unidos, onde a denominação tem uma presença mais forte. O fato é que denominação se tornou uma

igreja de teologia liberal (apesar da liturgia continuar tradicional).

E isso ajuda a explicar o declínio.

Ao abrir mão da ortodoxia cristã e se transformar em uma espécie de clube social, a Igreja Episcopal deixou de cumprir sua função de igreja e não foi capaz de competir com os clubes sociais de verdade. Os fiéis mais ortodoxos se mudaram para igrejas tradicionais. Os fiéis menos ortodoxos passaram a procurar outros clubes.

Se o número de membros é um indicador da influência de uma igreja, o auge episcopal foi por volta de 1965. De lá para cá, a queda — que já foi lenta — se acelerou. Hoje, são pouco

menos de 1,6 milhão de pessoas distribuídas por 6,8 mil congregações.

Embora a maior parte das igrejas esteja enfrentando uma queda no número de membros, o declínio da Igreja Episcopal é mais rápido e coincide com o processo de liberalização da igreja.

Já nos anos 1960, as lideranças episcopais abraçaram a agenda progressista em temas como o aborto, o divórcio e a sexualidade. Nos anos 2000, a inclinação à esquerda aflorou de vez. Isso levou algumas congregações se desfilarem. Cinco dioceses inteiras deixaram a denominação e formaram a ACNA (Igreja Anglicana na América do Norte), que mantém o rito anglicano mas não responde nem à Igreja Episcopal, nem à Igreja Anglicana com sede no

Reino Unido — que também passou por um processo de liberalização. De certa forma, a ACNA é mais anglicana que o Arcebispo da Cantuária. São 125 mil membros em pouco menos de mil congregações.

Além da politização, a Igreja Episcopal parou de crescer porque parou de fazer proselitismo para atrair novos fiéis. “A Igreja Episcopal não é mais evangelística. A abordagem predominante é a de que Jesus é uma dentre muitas opções, e de não há consequências eternas para a forma como você se relaciona com ele”, diz Walton.

A cisão na América do Norte reflete um movimento global que dividiu o anglicanismo e que deu origem, em 2008, à a GAFCON (Conferência Global do Futuro Anglicano). A entidade, da qual a ACNA faz parte, tem o

reconhecimento de cerca de metade dos anglicanos no mundo, mas não mantém comunhão com Cantuária.

A dissidência também se refletiu no Brasil.

Divisão anglicana no Brasil

No Brasil, um pequeno grupo se despreendeu da (já pequena) Igreja Anglicana histórica e fundou a Igreja Anglicana no Brasil.

Os dissidentes mantêm os ensinamentos históricos sobre a natureza de Jesus Cristo, o caminho da salvação e também sobre temas envolvendo a sexualidade.

O Diocesano da Igreja Anglicana no Brasil em Vitória, Márcio Simões, afirma que o caso da Igreja Episcopal é representativo. “Não é só nos Estados Unidos. Todas as províncias de linha teológica liberal sofrem o declínio de membresia”, afirma.

Simões acredita que a guinada liberal não tem freios. “O liberalismo, eu diria, não tem níveis excessivos; ou se é ou não. A partir da aceitação de ensinamentos não amparados nas Escrituras, a porta se escancara para os abismos”, diz.

Segundo ele, a conferência global conservadora serve para manter a ortodoxia anglicana. “O principal papel atual da GAFCON é acolher bispos, clérigos e dioceses que estejam pressionadas a ceder no seu posicionamento ortodoxo”, explica Simões.

Finanças (ainda) vão bem

Na Igreja Episcopal dos Estados Unidos, as finanças são o menor dos problemas.

Em 2022, a denominação fechou no azul: arrecadou US\$ 2,4 bilhões e gastou US\$ 2,3 bilhões [mais de R\$ 11 bilhões na cotação atual]. As contribuições dos membros responderam por US\$ 1,3 bilhão das receitas. Esse indicador tem permanecido estável — e, como o número de fiéis está em queda, isso significa que os que restaram estão doando mais dinheiro. A explicação tem a ver com a idade. Conforme a igreja envelhece, o nível de contribuições financeiras tende a aumentar (e muitos fiéis deixam doações generosas quando morrem).

Além disso, o patrimônio imobiliário episcopal — por ser uma igreja antiga, a denominação possui imóveis nas áreas mais valorizadas das grandes cidades americanas — serve como um colchão de segurança.

Em Plainfield, New Jersey, a igreja decidiu recentemente vender um templo de 130 anos de idade. O prédio, com capacidade para 500 pessoas, abrigava cerca de 25 fiéis a cada domingo. As despesas eram de US\$ 225 mil por ano, com receitas de US\$ 34 mil.

Na Filadélfia, a catedral Episcopal vendeu um prédio anexo, que foi demolido e se transformou numa torre residencial de 25 andares. No ano passado, a diocese de Chicago colocou à venda sua sede, um prédio de quatro andares no centro da cidade.

A Catedral de São João, o Divino, fez algo parecido: em 2006, passou adiante parte do próprio terreno, que virou um prédio residencial . O aluguel de um apartamento pequeno não sai por menos de R\$ 30.000. Além disso, a nave principal do templo agora pode ser alugada para eventos privados não-religiosos.

Isso seria inimaginável quando a obra da Catedral foi lançada, em 1892. A denominação vivia um momento de otimismo. Hoje, a fachada inacabada é um retrato da Igreja Episcopal. A fé no futuro acabou antes da obra.



[Voltar ao índice](#)



Justiça climática” é o termo-chave para entender a versão 2023 de Greta Thunberg. | Foto: Wikimedia Commons

ATIVISMO CLIMÁTICO

Greta faz “reposicionamento de marca”: menos “ecoapocalipse”, mais “consciência social”

Por Omar Godoy

Não que ela fosse uma unanimidade, bem longe disso. Desde seu surgimento no cenário global,

em 2018, a ativista ambiental sueca Greta Thunberg nunca deixou de receber críticas por parte de intelectuais conservadores, comentaristas da imprensa e até líderes mundiais (Putin, Trump, Macron, Merkel, etc.).

No entanto, nesse início de sua trajetória pública, os comentários negativos sobre seu discurso sempre foram carregados de alguma condescendência – e bastante ironia. Afinal, no fundo, ela era apenas uma adolescente idealista, provavelmente manipulada pela agenda woke dos pais e de outras pessoas mais velhas de seu entorno. De lá para cá, muita coisa mudou. Veio a pandemia, o assassinato de George Floyd (e a consequente onda de protestos populares violentos contra o racismo), a guerra na Ucrânia, o aumento da tensão no Oriente Médio...

E a própria Greta também não é mais a mesma: hoje uma adulta de 20 anos, já formada no ensino médio, ela se tornou totalmente responsável por suas falas e ações, o que inclui responder judicialmente caso descumpra as leis vigentes nos países por onde passa militando.

Mas a maior mudança, além da maioridade, é uma espécie de “reposicionamento de marca”, como os marqueteiros gostam de definir. Antes focada em fazer o planeta “ouvir a ciência” com relação a um suposto apocalipse climático, a ativista sueca agora tem “consciência social”.

Estrategicamente falando, faz todo sentido. Em um momento em que grandes corporações e mesmo governantes de países ricos abraçam a causa ambiental para “sair bem na foto”, é preciso buscar uma imagem diferente para

manter a atenção dos jovens. Nesse contexto, lutar pelos mais vulneráveis pode ser um ótimo caminho para permanecer no jogo.

“Justiça climática” é o termo-chave para entender a versão 2023 de Greta Thunberg. Não se trata exatamente de um conceito novo, mas a proposta de compensar as populações pobres pelos danos ambientais causados por empresas ou governos tem sido bastante enfatizada pelos ativistas nos últimos anos.

No último mês de março, por exemplo, a ex-militante mirim se uniu a um grupo da Noruega para protestar contra a construção de turbinas eólicas na região central do país. À primeira vista, parecia uma notícia improvável, pois nem o pior dos eco-históricos questionaria

uma iniciativa voltada para o desenvolvimento de energia limpa.

A manifestação, porém, tinha outro objetivo: a preservação dos Sámi, um dos povos indígenas mais numerosos da Europa. Segundo eles, parte de suas terras foram ocupadas para a implantação dos parques eólicos – com consequências graves para a flora e a fauna, principalmente para as renas.

“Os direitos indígenas e os direitos humanos devem andar de mãos dadas com a proteção e a ação climática. Isso não pode acontecer às custas de algumas pessoas”, afirmou Greta para a agência Reuters, após ser removida à força do protesto pela polícia.

Aliás, a relação da jovem sueca com as autoridades vale um capítulo à parte na recente história de sua vida adulta. Somente neste ano, e sempre com um sorriso debochado no rosto, ela foi detida ou retirada de manifestações marcadas por tumultos na Suécia (duas vezes), Alemanha e Inglaterra, além do já citado caso na Noruega.

Os tribunais de sua terra natal a condenaram a pagar duas multas brandas, relativas a atos de desobediência e desrespeito a policiais registrados em junho e julho – 2,5 mil coroas suecas (o equivalente a R\$ 1,1 mil) e 1,5 mil coroas suecas (R\$ 690), respectivamente. E, na última quarta-feira, ela compareceu a uma corte em Londres, onde se declarou inocente em um processo por perturbação da ordem. A confusão aconteceu na capital britânica em outubro, durante uma conferência organizada pela

indústria de combustíveis. O julgamento está programado para fevereiro de 2024.



A ativista foge de jornalistas e outros ativistas depois de se declarar “inocente” de um crime de desordem pública por sua participação em um protesto realizado no mês passado contra o combustível fóssil. EFE/Tolga Akmen

Thunberg foi acusada de postar símbolo antissemita nas redes

Agora adivinhe de qual lado Greta Thunberg

está quando o assunto é o conflito entre Israel e o Hamas, iniciado em outubro?

No dia 20 daquele mês, ela postou uma foto em que aparecia com um cartaz escrito “Fique com Gaza”. Na mesma imagem, outros três jovens ativistas seguravam cartazes com as inscrições “Palestina livre”, “Justiça climática agora!” e “Este judeu está com a Palestina”.

A reação foi imediata, com o público se dividindo e muita gente chamando a atenção também para um elemento controverso presente na fotografia: um pequeno polvo de pelúcia, considerado um símbolo antissemita (no início do século XX, chargistas políticos utilizavam, perversamente, a figura do molusco e seus tentáculos para representar a influência do povo judeu em todos os aspectos da sociedade). Greta

jurou não conhecer esse fato e acabou repostando o registro, dessa vez sem o brinquedo.

Mas o estrago já estava feito, e a ativista dobrou a aposta no último fim de semana, quando discursou durante uma marcha pela justiça climática em Amsterdã (o maior evento do gênero já realizado na Holanda, com cerca de 70 mil participantes). “Temos de ouvir as vozes daqueles que estão sendo oprimidos e daqueles que lutam por liberdade e justiça. Não poderá haver justiça climática sem solidariedade internacional”, disse, para depois passar o microfone à militante palestina Sara Rachdan.

Usando um lenço típico de sua região, Rachdan afirmou que Israel está “cometendo um genocídio” em Gaza e ataca hospitais e civis “de propósito”. Segundo a imprensa internacional,

ela é amiga pessoal de Thunberg, e tem se notabilizado nas redes sociais por uma postura extremista contra os judeus.

Em seus posts mais chocantes, Sara compara Benjamin Netanyahu a Adolf Hitler, diminui a gravidade do Holocausto e idolatra a figura de Leila Khaled (terrorista e revolucionária marxista, conhecida por praticar sequestros nas décadas de 1960 e 70, em nome da Frente Popular para a Libertação da Palestina).

Irritado com a cena, um homem que estava entre o público invadiu o palco, arrancou o microfone das mãos de Greta e fez um desabafo:

“Estou aqui por uma questão climática, não por uma visão política”. Com seu tom desafiador de sempre, a sueca reagiu fazendo a multidão

repetir, em coro, a frase “Não há justiça climática em terras ocupadas”.

Essa postura radical teve um preço alto para ela – que em nenhum momento condenou, lamentou ou mencionou as pessoas vitimadas pelo Hamas. Admirada em Israel, a ambientalista era considerada um “modelo educativo”, a ponto de sua trajetória ser contada e discutida nos currículos escolares locais. Após a controvérsia recente, os conteúdos envolvendo seu nome foram totalmente banidos pelo Ministério da Educação do país.

“O Hamas é uma organização terrorista que assassinou 1,4 mil israelenses inocentes e raptou mais de 200 pessoas. Sua posição a desqualifica para ser um modelo educacional e moral, e ela já não é apta para servir de inspi-

ração para nossos estudantes”, afirmou o órgão do governo, segundo o jornal Jerusalem Post.

Ambientalistas israelenses, anteriormente aliados de Thunberg, também se indignaram. Em uma carta aberta, assinada por 100 ecologistas e divulgada pelo jornal The Times of Israel, a jovem é acusada de fazer declarações “terrivelmente unilaterais, mal-informadas e superficiais”. “Você acha que o Hamas representa os direitos humanos e a liberdade? Pense de novo!”, diz o texto.

Ambientalistas se preocupam com postura parcial e radical de Greta

Mesmo fora de Israel, a comunidade ambientalista já se mostra preocupada com o impacto

negativo que as posições políticas de Greta podem ter no movimento.

Ricarda Lang, líder do Partido Verde alemão e uma das figuras centrais do jovem ativismo ecológico europeu, disse publicamente que a colega da Suécia “abusou da absolutamente necessária e correta preocupação com a proteção do clima para adotar uma postura unilateral com relação a um conflito sobre o qual não nomeia os culpados e não condena as atrocidades absolutas do Hamas”.

Lang, cuja legenda é aliada do governo de coalizão do chanceler Olaf Scholz, ainda afirmou que, por causa de suas declarações recentes, Thunberg “desacreditou a si mesma como imagem do movimento pelo clima”. Também alemã, Luisa Neubaer, que já acompanhou Greta

em diversos protestos, deu uma declaração igualmente dura ao jornal Die Ziet: “Vamos analisar, a partir de agora, com quem devemos continuar mantendo uma base para trabalhar partindo de valores comuns”, disse a ambientalista de 27 anos.

Em sua coluna na revista americana de negócios Forbes, o advogado Jon McGown – um especialista na área de ESG (sustentabilidade ambiental, social e governança) – deu uma visão mais corporativa da situação. “O sucesso nessa área é possível quando se convence moderados e conservadores de que as políticas climáticas podem ser implementadas sem desrespeitar suas crenças políticas. Será necessária uma voz forte e ponderada para superar essas preocupações. Thunberg já expressou o desejo

de não ser mais o rosto da causa ambiental. Talvez seja a hora de atender seu pedido”.

Tuíte de 2018 com previsão apocalíptica foi apagado pela ativista

Uma postagem antiga no Twitter/X também marcou o ano polêmico de Greta Thunberg. No mês de março, usuários da rede social perceberam que ela havia simplesmente apagado, sem qualquer justificativa, um tuíte marcante de seus primeiros anos de ativismo.

“Um importante cientista do clima está alertando que a mudança climática acabará com toda a humanidade, a menos que paremos de usar combustíveis fósseis nos próximos cinco anos”, dizia a mensagem, publicada em 2018 e baseada numa declaração de James Anderson,

professor da Universidade de Harvard e pesquisador no campo da química atmosférica.

Como a raça humana ainda caminha sobre a Terra, os trolls de plantão “ressuscitaram” o post e fizeram todo tipo de gozação com a jovem sueca – que acabou deletando-o. O caso poderia ter ficado por isso mesmo, não fosse a intervenção das agências de checagem de informações, a maioria delas de viés progressista.

Sites “verificadores” como Scope e AP Fact Check correram em defesa de Greta, alegando que ela apenas interpretou, de forma dúbia e incorreta, a tese do pesquisador (como se seus conteúdos não fossem acompanhados ou revisados por pessoas mais velhas). Mas a emenda acabou saindo pior que o soneto.

“É bom ter apoiadores politizados que se esforçam para nos defender. No entanto, isso só piora as coisas. Greta Thunberg compartilhou que o mundo acabaria em cinco anos, e isso estava errado de várias maneiras”, disse, em sua conta no Twitter/X, o cientista político dinamarquês Bjørn Lomborg, autor do livro ‘Alarme Falso: Como o Pânico das Alterações Climáticas nos Custa Bilhões, Prejudica os Pobres e Não Consegue Consertar o Planeta’.

Para os críticos do alarmismo “ecoapocalíptico”, Greta promove exatamente o que essas agências dizem combater: a desinformação.



[Voltar ao índice](#)



Lançamento de “As Marvels” marca pior estreia do UCM desde 2008 | Foto: Disney/Divulgação

QUEM LACRA NÃO LUCRA

É o fim da Marvel? Fracasso de novo filme de heroínas sugere que sim

Por Jack Butler, National Review

Todo super-herói tem uma história de origem: o momento inicial que coloca o herói no caminho da grandeza. Para o tal do Universo

Cinematográfico Marvel (UCM), a marca mais consistente em performance dos cinemas nos últimos 15 anos, esse instante foi o lançamento de Homem de Ferro, em 2008. Com Robert Downey Jr. vivendo Tony Stark e sua persona heroica, o filme foi um sucesso. Desde então, até Vingadores: Ultimato, de 2019, a Marvel apresentou uma variedade estonteante de filmes interconectados, com os personagens entrando e saindo dos filmes uns dos outros e, ocasionalmente, cruzando em massa. E funcionou: os 32 filmes arrecadaram quase US\$ 30 bilhões em todo o mundo. As poucas falhas de ignição e resultados medianos ao longo do caminho foram amplamente perdoados, varridos pelo impulso aparentemente imparável da franquia.

Mas todo super-herói enfrenta dificuldades – e um vilão (geralmente, uma visão obscura do próprio herói). Agora, a própria Marvel encara sérios desafios ao seu próprio sucesso, e eles vêm da única fonte que poderia derrotá-la: ela mesma.

As Marvels, que estreou nos cinemas há poucos dias, ressalta alguns desses desafios e o efeito que estão causando. Os números de bilheteria do 33º filme do UCM são estarrecedores. Seu faturamento bruto no fim de semana de lançamento nos Estados Unidos, de US\$ 46 milhões, é o pior de qualquer filme da UCM desde 2008. Isso inclui algumas obras que provavelmente já foram completamente esquecidas, como O Incrível Hulk (estrelado por Edward Norton, que será reformulado em breve) e Thor: O Mundo Sombrio (exibido a

contragosto na TV durante as maratonas da Marvel nas tardes de sábado, ideal para dobrar roupas). É também uma queda de mais de US\$ 100 milhões em relação ao fim de semana de estreia de Capitã Marvel, o filme de 2019 estrelado por Brie Larson do qual o novo lançamento é uma sequência direta. Está ainda abaixo de alguns filmes de quadrinhos do ano passado que foram amplamente vistos como decepções, como The Flash. Os críticos, que geralmente são gentis, embora raramente entusiasmados com as ofertas da Marvel, também não gostaram muito disso.

É um resultado constrangedor, abaixo até das projeções mais pessimistas. E algo ameaçador para o UCM. A falta de objetivo depois de Vingadores: Ultimato, que inspirou muitos a se perguntarem se a Marvel havia atingido o pico,

tornou-se fácil de ver. Era, em parte, inevitável, mas não da forma como o arquivilão Thanos afirmou ser. Como observou um artigo recente na revista Time sobre os problemas da Marvel: “os anos seguintes a Vingadores: Ultimato, de 2019, estavam fadados a ser um período de reconstrução para o UCM”. A construção de personagens e enredos de 2008 a 2019 foi meticulosa e multifacetada. E a presença unificadora das “Pedras do Infinito” como todo-poderosos dispositivos de enredo e Thanos como o antagonista que as buscava criavam um fio condutor unificador para as histórias. Demoraria um pouco para substituir isso. Mas a Marvel certamente está demorando. Embora alguns dos esforços pós-Ultimato, como Homem-Aranha: Sem Volta para Casa, tenham sido atraentes por si só, ainda não houve um impulso narrativo coerente e

propulsivo para o UCM desde 2019. No extenso “multiverso” que parece ser o próximo grande sucesso da Marvel, coisas estão acontecendo, filmes (e programas de TV) estão sendo lançados, mas não está claro por quê.

Astros em falta

Outro grande desafio tem sido preencher os filmes com um elenco interessante novamente. Ultimato tinha Downey Jr., Chris Evans (Capitão América) e Scarlett Johansson (Viúva Negra). O câncer reivindicou tragicamente Chadwick Boseman (Pantera Negra). Os futuros de Chris Hemsworth (Thor) e Tom Holland (Homem-Aranha) no UCM são incertos. Esses novos personagens, que ainda não provaram que podem carregar a franquia, estão pelo menos em uma posição melhor do que

completos descartáveis como os “Eternos”, do filme ilegítimo de mesmo nome de 2021, cuja tentativa de ampliar o universo Marvel tem sido aparentemente esquecida tanto pelo público cinéfilo quanto pelo próprio estúdio. Depois, há a questão Jonathan Majors, cujo Kang, o Conquistador, um vilão que abrange o multiverso, devidamente apresentado no medíocre Homem-Formiga e a Vespa: Quantumania, deveria ser o novo Thanos. Majors está atualmente envolvido em uma controvérsia de violência doméstica na qual em breve será julgado. Em um retiro para executivos da Marvel, no início deste ano, que a publicação Variety descreve em um artigo recente como “cheio de angústia”, houve discussões sobre sua substituição total. O esforço para continuar sem os grandes nomes do período anterior foi tão ruim que alguns

chefões da Marvel estão pensando em retornar com o elenco original para um novo filme dos Vingadores, o que exigiria pelo menos o método clássico dos quadrinhos de ressurreição conveniente para o Homem de Ferro e a Viúva Negra, que foram mortos nos filmes. Por mais comum que isso seja nos quadrinhos, o fato de estar sendo considerado é um sinal de desespero.

Também cheiram à desespero certos movimentos da Marvel em direção à relevância cultural. A maioria dos filmes da Marvel teve poucas tentativas de mensagens políticas de qualquer tipo. O mais próximo foi a mensagem anti-vigilância do Estado de Capitão América: O Soldado Invernal, um divertido retrocesso parcial ao gênero paranoico dos anos 1970. Mas um momento no Ultimato deu uma amostra do

tipo de mensagem cultural desajeitada que estava por vir: quando, no meio de uma batalha caótica, todas as principais heroínas, algumas das quais estavam bastante distantes umas das outras, fazendo coisas diferentes, inexplicavelmente se reúnem para serem duronas juntas. Desde então, essas exhibições inúteis se infiltraram em grande parte dos produtos oferecidos, tornando a representação e a mensagem elementos primários e deixando a boa narrativa em segundo lugar. O perspicaz youtuber Critical Drinker, que sacou os problemas da Marvel há muito tempo, usa de exemplo momentos como quando Sam Wilson, o novo Capitão América, discursa para um senador em *O Falcão e o Soldado Invernal*, ou o discurso feminista tão sério que é praticamente uma paródia proferida pela personagem-titular de *Mulher-Hulk: Defensora de Heróis* (ambas

ofertas para o Disney+). Essas mensagens se tornaram uma distração tão grande que agora ajudaram a atrasar uma adaptação de Blade (anteriormente interpretado com perfeição por Wesley Snipes). Blade já é legal por si só: um meio-vampiro que caça vampiros malvados e usa sobretudos pretos. Isso, segundo a Variety, é o que os “gênios” da Marvel consideraram fazer com tal material:

Uma pessoa familiarizada com as permutações do roteiro diz que a história em determinado momento se transformou em uma narrativa liderada por mulheres e repleta de lições de vida. Blade foi relegado para a quarta liderança, uma ideia bizarra considerando que o estúdio tinha como protagonista Mahershala Ali, duas vezes vencedor do Oscar.

Overdose de produtos

Mas o maior problema da Marvel agora é a Marvel. Ou seja, eles estão fazendo coisas demais. Além do lançamento constante de filmes, administrável na era 2008-19, há agora todo um espetáculo secundário de programas no Disney+. A Disney, controladora da Marvel desde 2009, começou a investir recursos nos programas durante a calmaria nos cinemas causada pela Covid-19, para manter a fábrica de conteúdo funcionando. De acordo com a *Variety*, havia uma “obrigação” de que “nunca haveria um vácuo de super-heróis, sempre com um filme nos cinemas ou uma nova série de televisão sendo transmitida”. Isto revelou-se, em primeiro lugar, logisticamente difícil, sobrecarregando as equipes de efeitos visuais ao ponto de produzir material de má qualidade ou

incompleto (e levar o grupo a sindicalizar-se). Essa decisão também transformou as voltas e reviravoltas do UCM em “lição de casa” para o espectador, usando palavras da Time. As Marvels reforça isso: duas de suas três personagens principais foram introduzidas em programas do Disney+, e é uma sequência direta de Invasão Secreta, assim como Dr. Estranho no Multiverso da Loucura (mal) expandia a história de WandaVision. É demais esperar que mais do que um público pequeno e dedicado acompanhe tudo isso; quanto mais cada oferta se tornar interdependente dessa forma, menor será o público.

Correndo o risco de me transformar em anedota, sou a prova disso. Não querendo investir nas séries do Disney+, tornei-me um frequentador errático do cinema da Marvel, às

vezes satisfeito com o que vejo e outras vezes desanimado. E eu não tinha interesse em As Marvels, que não vi e não verei. Eu vi todos os filmes da Marvel de 2008 a 2019 (exceto Thor: O Mundo Sombrio, até uma tarde de sábado particularmente preguiçosa, um ou dois anos atrás).

Isso inclui a Capitã Marvel, que tinha algumas mensagens diretas de lacração e uma personagem central dominadora e mal representada por uma atriz desinteressada, mas também tinha o benefício de ser lançado entre Vingadores: Guerra Infinita e Ultimato, fazendo com que parecesse essencial para o último. Nenhum truque desse tipo estava disponível para As Marvels, o que ajuda a explicar sua queda massiva.

Portanto, não deixe ninguém tentar culpar a greve recém-terminada da Screen Actors Guild, a fadiga dos super-heróis ou algum outro fator exógeno único. Um filme sem grandes estrelas, baseado em um videogame assustador, *Five Nights at Freddy's – O Pesadelo Sem Fim*, superou *As Marvels* em seu fim de semana de estreia. E os filmes de super-heróis ainda podem ter sucesso. Só neste ano, *Guardiões da Galáxia Vol. 3* se saiu bem, assim como o animado *Homem-Aranha: Através do Aranhaverso*.

Desculpas não bastam: o UCM está em sérios apuros, pela primeira vez em sua história heroica. A correção de curso exigirá o estabelecimento de uma narrativa pós-*Ultimato* definitiva, provando que os novos membros do elenco podem brilhar assim como os antigos,

evitando tentativas inúteis de relevância cultural, reduzindo o fluxo de conteúdo e fazendo pleno uso das novas marcas, como X-Men e Quarteto Fantástico, que finalmente foram absorvidos pelo vórtice da Disney. Parece que a Marvel já está tomando, ou pelo menos considerando, algumas dessas medidas. Mas, se as coisas não mudarem rapidamente, então seus dias como super-herói da cultura pop e de bilheteria poderão em breve chegar ao fim.

© 2023 *National Review*. Publicado com permissão. Original em inglês.



[Voltar ao índice](#)

PARA SE APROFUNDAR

- Católica, pró-vida e antifeminista: quem é Victoria Villarruel, a nova vice-presidente da Argentina
- Vitória de Milei fortalece discurso da direita brasileira e anima seu eleitorado
- O que a vitória de Milei na Argentina significa para a economia brasileira
- Demora de Lula paralisou julgamentos de negócios e defesa da concorrência
- Piauí terá uma das maiores usinas de hidrogênio verde do mundo, com dinheiro europeu
- Matopiba guarda estoque de terras “filés” para agricultura; serão aproveitadas?

COMO RECEBER

As edições da Gazeta do Povo Revista vão estar disponíveis para download em PDF pelos nossos assinantes todos os sábados pela manhã no site do jornal. Também é possível se inscrever, para ser lembrado de baixar o arquivo, pelo [Whatsapp](#) ou pelo [Telegram](#). Se preferir receber por e-mail, você pode se inscrever na [newsletter](#) exclusiva para receber o link de download.

EXPEDIENTE

A Gazeta do Povo Revista é uma seleção de conteúdos publicados ao longo da semana no nosso site. Curadoria e formatação: Carlos Coelho, Glaydson Donadia e Marcela Mendes. Estagiária: Maria Eduarda Souza Mendes. Conceito visual: Claudio Cristiano Gonçalves Alves. Coordenação: Patrícia Künzel.

APLICATIVO

Caso seu acesso seja via aplicativo iOS, só é possível visualizar o pdf. Para fazer o download, recomendamos o uso do navegador de internet de seu celular.



Voltar ao índice